

Índios vêm à capital. Para tratar da saúde

Teresa Agostinho, de 41 anos, é uma índia macuxi que há um ano e meio deixou sua aldeia, em Roraima, para vir a São Paulo com sua neta Artemisa Agostinho, de 1 e 11 meses. O motivo da viagem foi um problema de malformação congênita no coração da criança, que resultou em uma operação no Hospital São Paulo.

O caso de Teresa é um entre os 324 casos que foram enviados, no ano passado, de diversos Estados do País, para serem tratados na cidade. Assim como os outros índios, elas ficam hospedadas na Casa de Saúde Indígena (Casai), localizada no Paraíso.

Todos os trâmites para o traslado dos índios e seu atendimento médico é realizado pela Fundação Nacional da Saúde (Funasa), do Ministério da Saúde.

A entidade possui os chamados Distritos Sanitários Especiais Indígenas espalhados pelo Brasil, que dão a assistência básica. "Quando o caso é mais complexo, como um câncer ou um problema cardíaco, eles são encaminhados para cá", explica o chefe da Casai da cidade, Paulo Seabra Malta, de 46 anos.

Os índios recebem alimentação, alojamento, roupas e acom-

panhamento de enfermeiros.

Na capital, o encaminhamento médico dos índios é feito pelo Ambulatório do Índio, da Unifesp, que funciona no Hospital São Paulo, desde 92. No ano passado foram atendidos 500 casos, com poucos registros de óbitos.

Para o coordenador do ambulatório, Jorge Carlovich, tratar com índios é sempre um desafio. "Não podemos pensar apenas na doença, temos de considerar o

Os casos mais complexos de todo o Brasil são enviados para o Hospital São Paulo. No ano passado foram atendidos 324 pacientes de outros Estados. Eles ficam em uma casa montada para recebê-los

choque que eles sofrem ao saírem de suas aldeias e temos de agir dentro das normas da medicina sem ferir suas crenças", diz. "Fazemos de tudo para diminuir o impacto. Muitas vezes

nem português eles falam."

Um dos principais problemas apontados pelos índios é o ócio, pois como não podem sair sozinhos, ficam a maior parte do tempo em seus quartos. "São Paulo é

bom para passear, mas é ruim para quem fica presa como eu", diz Teresa.

Muitas crenças

Carlovich conta que muitas vezes eles não aceitam tomar os medicamentos ou fazer uma operação. "Uma vez uma paciente se recusou a fazer uma cirurgia no abdome. Só depois descobrimos que para a cultura deles o abdome é um dos 'centros da alma'

que não deve ser violado."

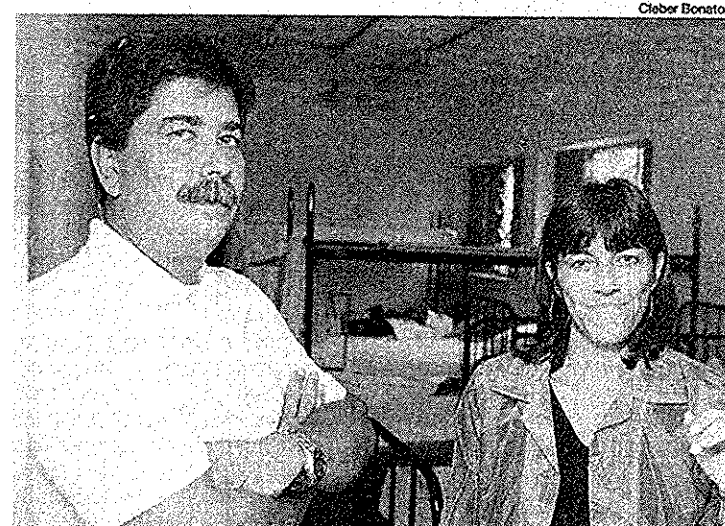
A enfermeira-chefe da Casai, Soraya Ayub Moregola Oliveira, de 36 anos, explica que a diferença cultural tem de ser trabalhada com cuidado. "Temos de ganhar a confiança deles antes de ensinar qualquer coisa." Ela conta que muitos índios não sabem como usar o vaso sanitário, por exemplo. "A sexualidade deles é outra coisa a destacar. Como não podemos evitar, fornecemos camisinhas e damos aulas de orientação sexual", diz.

A Casai comporta 20 hóspedes, entre pacientes e acompanhantes. Mas, segundo Malta, há nove casos novos esperando e 12 que têm de retornar. "Como o atendimento melhorou depois que a Funasa assumiu, em 99, a demanda está cada vez maior. Só este ano já passaram por aqui 110 índios", diz o chefe da Casai.

A maioria deles vem do Mato Grosso, Roraima e do Litoral de São Paulo. Os índios da Capital também podem usufruir do serviço do ambulatório. Os cerca de 500 pankararus, instalados em uma aldeia em Parelheiros, são assíduos frequentadores.



CUIDADOS: Delmira e a filha Daniela, de 1 ano, estão na Casai



TRATAMENTO: Paulo Seabra e a enfermeira Soraya cuidam dos índios

Lygia Rebello